

EXPLORANDO A ATIVIDADE TURÍSTICA NO MUNICÍPIO DE NOVA IGUAÇU

Everaldo Lisboa Santos¹

RESUMO: Neste artigo, parte-se da ideia da relevância da atividade turística no plano social, cultural e econômico promovendo múltiplos impactos, dentre eles o desenvolvimento local. O estado do Rio de Janeiro, importante centro turístico mundial, ganha destaque devido a sua multiplicidade de atrativos turísticos – serra, mar, montanhas, patrimônios históricos, diversidade cultural, dentre outros. No entanto, frações do território fluminense são relegadas ao plano secundário configurando-se como espaços pouco explorados pelo turismo. Neste contexto, insere-se o município de Nova Iguaçu, com um rico potencial para o desenvolvimento do turismo histórico, cultural e ecológico na área metropolitana do Rio de Janeiro. No entanto, salienta-se que o potencial turístico da região é subexplorado ou, até mesmo, inexplorado pela iniciativa pública e privada. Deste modo, o mérito deste artigo é oferecer subsídios para que se divulgue e explore a potencialidade do município iguaçuano para o desenvolvimento da atividade turística e deixando à retaguarda as representações hegemônicas desta localidade.

Palavras- chave: turismo; Nova Iguaçu; potencialidades.

ABSTRACT: In this study, we start from the idea of the importance of tourism in the social, cultural and economic development by promoting multiple impacts, including local development. The state of Rio de Janeiro, an important world tourist center, stands out due to its multitude of tourist attractions - mountains, sea, mountains, heritage sites, cultural diversity, among others. However, fractions of Fluminense

¹ Professor da Universidade Castelo Branco. Doutorando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Membro do GETER.

territory are relegated to the secondary, configured as spaces unexplored by tourism. This is the context where the city of Nova Iguassu is positioned, with rich potential for develop historical, cultural and ecological tourism in the metropolitan area of Rio de Janeiro. However, it is noted that the tourism potential of the region is underexploited or even unexplored by public and private initiative. Thus, the merit of this article is to offer subsidies that disseminate and exploit the potential of the Iguassuan municipality for the development of tourism, leaving to the rear the hegemonic representations of this locality.

Keywords: tourism; Nova Iguassu; potential.

INTRODUÇÃO

No início do século XXI, o turismo emerge com grande relevância no cenário nacional e internacional atraindo múltiplos olhares - historiadores, geógrafos, economistas, setores de *marketing* e planejamento, dentre outros e, também, distintas instâncias públicas “sendo um ramo das ciências sociais e não das ciências econômicas, e transcende a esfera das meras relações da balança comercial” (BARRETO, 2000, p. 17). Ao analisar este aspecto, Geiger nos afirma que: “Mais recentemente, se iniciou a multiplicação de estudos acadêmicos sobre esta atividade, a maioria sobre os aspectos geográficos dos lugares alvo do turismo.” (GEIGER, 1996, p. 55). Prossegue o referido autor: “Evidentemente que o turismo passou a ser objeto de interesses econômicos de todo um sistema, que inclui agências de viagem, empresas aéreas, hotéis, e governos, desde os centrais aos locais”. (GEIGER, 1996, p. 57)

Esse interesse resulta da expansão do turismo, que ganha expressividade na economia mundial², destacando-se como um dos três maiores produtos geradores de riqueza, atrás somente da indústria de armamentos e de petróleo. A expansão desta atividade, considerada uma prática social, que envolve o deslocamento de pessoas na

² Ao analisar a relevância da atividade turística no cenário nacional, O Plano Nacional do Turismo (Gestão 2007-2010, p. 5) nos aponta que: “o turismo, hoje, já é o quinto principal produto na geração de divisas em moeda estrangeira para o Brasil”.

sociedade em movimento, é determinada por aspectos culturais e motivada pelas condições materiais e imateriais que possibilitam a prática do turismo, que se expande e incorpora novas áreas redesenhando o mapa do turismo mundial.

No cenário nacional, o estado do Rio de Janeiro, diante da diversidade paisagística, topográfica e histórico-cultural, configura-se como “uma das portas de entrada para o turista que chega ao país e, também, para os turistas brasileiros” (MARAFON *et al*, 2010, p. 09). Participando deste debate, Ribeiro (2003) afirma que: “as características físicas ou naturais; os elementos históricos de formação cultural e atividades econômicas; e o papel dos transportes” (RIBEIRO 2003 *apud* MARAFON, 2010, p. 09) configuram-se como condicionantes para o desenvolvimento da atividade turística no território fluminense, sendo uma importante fonte de renda para o desenvolvimento socioeconômico de um grande número de municípios, impactando positivamente na economia de um determinado lugar.

Os municípios da Baixada Fluminense³ e, particularmente, Nova Iguaçu, recorte espacial deste artigo, emergem no cenário interno com um grande potencial histórico-cultural e ecológico inexplorado pela atividade turística. Destaca-se pela presença de elementos históricos e culturais – igrejas, portos, estações ferroviárias, ferrovias, fazendas, dentre outros, constituem um importante acervo que marcaram a fase inicial de ocupação da Região⁴. Há também, nesta região, uma diversidade de reservas e parques naturais presentes nos diversos municípios que compõem a área, fomentando a prática do ecoturismo⁵ através de trilhas, rios e cachoeiras.

³ A definição dos limites da Região em destaque é complexa e envolve debates entre diversos autores geógrafos e não-geógrafos. Segundo Alencar (2006, p. 13): “O termo Baixada Fluminense realiza uma fusão entre o geográfico e o social. Inicialmente definia a Região que fica entre o litoral e a Serra do Mar, no estado do Rio de Janeiro, formada por um relevo de baixas planícies, composta pelos municípios: Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São João de Meriti e Seropédica. Para Simões (2004, p. 48), ao analisar a complexidade com relação aos seus limites, nos afirma que: “a despeito de inúmeras tentativas de delimitar esta região, geopoliticamente este é um termo (Baixada Fluminense) que cada vez mais se identifica com a área original do antigo município de Iguaçu, nome oficial de Nova Iguaçu até 1916”.

⁴ Na etapa inicial de ocupação da Baixada Fluminense, se desenvolveram os ciclos da cana-de-açúcar e do café. Ao longo dos rios e, posteriormente, das ferrovias surgiram vilas e povoados com suas construções que agora podem ser capturadas para a prática do turismo histórico.

⁵ O ecoturismo, nova modalidade turística, desponta diante da oferta de serviços onde “predominam os recursos turísticos naturais que fomentam o deslocamento dos turistas e que estão localizados em áreas geográficas especiais e que servem de modelo para o

As representações hegemônicas (ROCHA, 2011): os elevados índices de violência, a carência de mão de obra qualificada e a infraestrutura deficiente – lazer, hospedagem e transporte, dentre outros, fragilizam o potencial turístico da Baixada Fluminense e a tornam esquecida no cenário estadual, promovendo uma invisibilidade da mesma no noticiário, realçando apenas os aspectos relacionados às mazelas sociais e econômicas locais, ou seja, os diversos meios de comunicação relegam ao plano secundário o grande potencial turístico local.

Diante do exposto, quais são as possibilidades do turismo influir positivamente no crescimento de Nova Iguaçu? Quais os papéis desempenhados pelo poder público e privado para fomentar o turismo local? Como a atividade turística pode “vender” uma imagem positiva da região de modo a atrair novos investimentos? Os questionamentos anteriormente mencionados nos remete ao potencial turístico e à organização socioespacial da região “historicamente desfavorecida” (ALENCAR, 2006, p. 13), estigmatizada como espaço marginal onde estão presentes as inadequações do tecido urbano – carência de infraestrutura, de qualidade ambiental, opções de lazer – teatros, museus, espaços culturais – de “virtudes do entorno, cujo valores pragmáticos, cognitivos, formais e afetivos ajudam a criar o indispensável sentimento de pertença” (YÁZIGI, 2005, p. 91).

Diante do quadro em tela, salientamos que a atividade turística, planejada, envolvendo múltiplos agentes – públicos, privados e comunidade - pode se configurar como uma nova atividade econômica geradora de renda, emprego e desenvolvimento socioeconômico para a Baixada Fluminense alterando, em parte, o imaginário coletivo a respeito da área.

TURISMO: UMA BREVE ABORDAGEM CONCEITUAL

O fenômeno turístico apresenta-se na atualidade como uma das mais relevantes atividades econômicas, culturais, sociais e políticas, face a sua expressividade nos planos anteriormente destacados. Salientamos, no entanto, que o

desenvolvimento sustentável” (PAGANI *et al*, 1999).

conceito de turismo suscita nestas áreas grandes polêmicas, sendo, deste modo, alvo de intensos conflitos envolvendo profissionais de diversas ciências.

Ao analisar em sua obra *Introdução à Geografia do Turismo* o aspecto conceitual, Cruz nos afirma que o turismo é: “uma prática social, que envolve o deslocamento de pessoas pelo território e que tem no espaço geográfico seu principal objeto de consumo”(CRUZ, 2003, p. 05) sendo fortemente influenciado pelos aspectos culturais. Participando deste debate, Rodrigues, em sua obra **Turismo e Geografia: reflexões teóricas e regionais**, nos afirma que: “o turismo apresenta distintas expressões, sendo denominado como uma prática social, um processo civilizatório, um estilo de vida, uma indústria que atinge distintas áreas do planeta” (RODRIGUES, 1999, p. 56) - montanhas, florestas, zonas glaciais, mares, lagos, oceanos, dentre outros, incorporando “todas as cidades e ilhas perdidas nos oceanos” (GEIGER, 1996), estando sempre interessado “em descobrir novos lugares que apresentem algo de exótico, quer pelo seu aspecto natural ou por suas particularidades culturais” (COSTA, 1998, p. 180). Salientamos, no entanto, que esta atividade é seletiva, pois atinge apenas uma parcela da população mundial que apresenta os recursos materiais e imateriais – tempo livre e recursos financeiros - para a prática do turismo.

ATIVIDADE TURÍSTICA: UMA ANÁLISE HISTÓRICA

Os deslocamentos são inerentes à condição humana desde os tempos mais remotos e apresentam distintas motivações. Na Antiguidade, os romanos viajavam para fugir do barulho das cidades. Durante o Iluminismo, as classes mais abastadas viajavam para satisfazer suas necessidades intelectuais (SANCHO, 2001). No entanto, a partir de meados do século XIX, a atividade turística ganha maior impulso beneficiada pelas inovações técnicas resultantes deste período - construção de estradas de ferro, trens de passageiros, os navios a vapor, dentre outras - resultando num fluxo maior de turistas e o surgimento dos *GRAN TOURS*, destinados aos segmentos mais abastados.

O quadro de instabilidade política, financeira e econômica resultantes da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a Revolução Russa (1917-1922), a ascensão do nazifascismo, a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque (1929) e a Segunda Guerra

Mundial (1939-1945) assinalam um retrocesso dos fluxos turísticos na primeira metade do século XX.

O quadro em tela estende-se até os anos de 1970, quando observamos uma retomada das atividades turísticas no plano internacional. Esse processo resulta também das transformações sociais, culturais, políticas e econômicas e das inovações técnicas resultantes da Revolução Técnico-Científica-Informacional impactando diretamente no espaço geográfico. O período em tela caracteriza-se pela expansão das multinacionais, aceleração das inovações técnicas, maior fluidez de capitais, ideias, dentre outras, (SANTOS, 2008), que agem diretamente no cotidiano das pessoas, refletindo, deste modo, também na atividade turística.

As inovações na biotecnologia aumentam a longevidade ocasionando o surgimento de novos segmentos destinados ao turismo voltados, por exemplo, ao setor da terceira idade, que dispõe de recursos e tempo livre, condições essenciais para a atividade em tela. Soma-se a esta questão a inserção da mulher no mercado de trabalho participando como executivas de feiras, exposições, encontros, viagens de negócios, dentre outros (RODRIGUES, 1999).

Outro aspecto a ser ressaltado diz respeito ao barateamento do preço das passagens aéreas com o uso de novas tecnologias possibilitando o deslocamento dos segmentos de baixa renda e incrementa, deste modo, a expansão do turismo no cenário internacional que, assim, incorpora novas áreas - China, Japão e a Bacia do Pacífico, África e América Latina - lançados no cenário mundial diante da grande diversidade cultural e de atrativos naturais. O incremento do turismo nesses territórios redesenha os fluxos do turismo mundial com a entrada de novos atores nessa disputa, que aquecem e dinamizam as economias envolvidas nesse processo, propiciando a geração de empregos (SANCHO, 2001).

Ao atingir os mais distintos recantos do planeta, o turismo promove metamorfoses no espaço geográfico, imprimindo uma série de transformações nas mais distintas frações do espaço, seja ele rural ou urbano, através da implantação de infraestrutura nas áreas emissoras, nos espaços de deslocamento e também nas áreas receptoras (CRUZ, 2003). O turismo, ao se apropriar do lugar, transforma-o “em um espaço sem espessura” dotando-o de infraestrutura – hospedagem, pousadas, hotéis luxuosos e *resorts*, locadoras de automóveis, lojinhas de *souvenirs*, *fast-food*, dentre

outros, configurando-se, então, como lugar turístico⁶, aquecendo a economia e promovendo o desenvolvimento local. Salientamos, no entanto, que esta atividade altera as relações sociais, destrói a cultura local e o meio-ambiente, ou seja, promove rupturas e altera a ordem local, impactando diretamente nas relações socioculturais e nos aspectos ambientais, dentre outras. Os impactos negativos, deste modo, se contrapõem às propagandas que ressaltam quase sempre o aquecimento das economias capturadas por esta atividade.

A cidade, então, consumida e apropriada, perde os seus referenciais - a quietude, o bucolismo, o seu cheiro, o seu som, as relações tecidas ao longo do tempo, deixando à retaguarda a afetividade e, desta forma, o lugar é transformado em não-lugar onde o morador o desconhece e torna-se dentro da sua cidade um ser passivo que assiste, às vezes, resistente ou não, às metamorfoses da cidade sendo transformada em espetáculo – efêmero e temporário, apenas para atender aos turistas armados com filmadoras e câmeras digitais, preocupados com os melhores ângulos, para levar lembrancinhas e *souvenirs*, não tecendo com a cidade, com a realidade e, até mesmo, com a população local, nenhuma proximidade ou relação duradoura. Enfim, se passa pelo lugar e não se conhece a história, a cultura e os hábitos locais.

O processo de desconhecimento dos atrativos históricos, culturais e naturais locais também se faz presente nos diversos municípios que compõem a Baixada Fluminense, diante do estranhamento da população local pelo rico patrimônio histórico e da diversidade natural, posto que o turismo não desponta como uma atividade consolidada, embora apresente um grande potencial a ser explorado.

NOVA IGUAÇU: POTENCIALIDADES PARA A PRÁTICA DO TURISMO

O município de Nova Iguaçu, localizado na Baixada Fluminense, a 33 quilômetros da cidade do Rio de Janeiro, vem retomando, nas últimas décadas, o crescimento econômico a partir de investimentos públicos e privados, tais como:

⁶ Segundo Cruz (2003, p. 07), a expressão em tela é: “utilizada tanto para se referir a lugares que já foram apropriados pela prática social do turismo como também a lugares considerados potencialmente turísticos”.

implantação do *campus* da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), *shopping-centers*, parques aquáticos, condomínios fechados, dentre outros, alterando a fisionomia local (cf. SANTOS, 2008).

O processo em tela resulta da chegada de investimentos endógenos e exógenos, pós-anos 1980, onde diversos agentes vêm promovendo metamorfoses na periferia metropolitana do Rio de Janeiro, caracterizando-se pela dinamização dos espaços periféricos das grandes cidades brasileiras e redefinindo seus conteúdos econômicos, sociais, culturais e políticos.

Essas reconfigurações espaciais, presentes na Baixada Fluminense, impactam na emergência de uma nova geografia do estado do Rio de Janeiro e alteram a relação entre a capital e demais regiões do Estado (OLIVEIRA, 2008). À luz desta reorganização espacial, Mascarenhas nos afirma que:

o interior fluminense vem apresentando nas últimas duas décadas evidentes sinais de dinamização de sua economia, definindo novos lugares de empreendimentos e enfim revertendo um processo de contínua concentração metropolitana. (MASCARENHAS, 2004, p. 01)

O processo em tela resulta da inserção da economia fluminense no cenário internacional e promove a incorporação de novos espaços ao circuito do capital, acirrando, assim, a competitividade entre os lugares, pois: “num dado momento, o “Mundo” escolhe alguns lugares e rejeita outros e, nesse movimento, modifica o conjunto dos lugares, o espaço como um todo” (SANTOS, 2006, p. 338). Ao analisar esse quadro, Benach e Tello atestam que:

En el marco creciente de competitividad internacional entre ciudades, la nueva política urbana se ha ido caracterizando por una progresiva orientación hacia la captación de flujos de capital, ya sea de consumidores –trátase de los propios ciudadanos o de turistas-, ya sea de inversores.(BENACH e TELLO, 2003, p. 01)

É neste contexto que se observa uma desconcentração das atividades produtivas, que se deslocam gradativamente rumo ao interior e à Região Metropolitana do Rio de Janeiro, onde se acentuam as transformações na periferia e

se reduz a dependência em relação à Metrópole, e as cidades de Nova Iguaçu, Duque de Caxias e São Gonçalo vêm construindo suas próprias periferias.

A Baixada Fluminense, no entanto, ganha destaque e visibilidade no cenário nacional diante dos elevados índices de criminalidade e violência, estando: “presente no noticiário nacional e internacional como área de forte criminalidade” (SOUZA, 1992, p. 01) onde “a maioria das notícias refere-se a atos violentos” (CESec, 2006, p. 69) simbolizando a imagem de periferia violenta, abandonada, composta por segmentos de baixa renda, distante e subequipada. A imagem, quase sempre negativa, divulgada pela mídia deixa à margem outras potencialidades históricas, culturais e naturais que poderiam ser desenvolvidas na área em tela. Dentre estas, mencionamos as atividades relacionadas ao turismo, pois os municípios que a compõem apresentam grande diversidade para o desenvolvimento dessa atividade nas mais distintas modalidades e segmentos – de aventura, ecológico, rural, esportivo, histórico, dentre outras.

A este respeito, Marafon *et al.*, ao elaborar uma classificação para as diversas áreas turísticas do estado do Rio de Janeiro, nos afirmam que a Baixada Fluminense: “apesar de não ter a prática turística como atividade consolidada, (...) apresenta grande potencial para exploração de um turismo pautado na história e na cultura dos municípios” (MARAFON *et al.*, 2010, p. 10)

Assim, acreditamos que, no caso específico de Nova Iguaçu, alguns atrativos podem fomentar o desenvolvimento do turismo no município através de ações já propostas no Plano Estratégico da Cidade de Nova Iguaçu, que tem como objetivo a promoção do: “desenvolvimento sustentável do patrimônio ambiental e histórico e incentivar a oferta de espaços de entretenimento, oferecendo uma nova fonte de geração de empregos e renda para a população destas áreas”(PLANO ESTRATÉGICO DE NOVA IGUAÇU, 2000, p. 44).

Esse propósito seria alcançado através da exploração do turismo e do lazer no patrimônio histórico, cultural e ambiental existentes no município, propiciando também a possibilidade do desenvolvimento do turismo rural⁷, do ecoturismo no

⁷ Esta atividade ganha uma nova dimensão no cenário nacional diante da diversidade de fatores – grande extensão territorial, ambientes naturais – cachoeiras, rios, açudes e elementos históricos e culturais – fazendas refuncionalizadas e transformadas em hotéis-fazendas, que fomentam a prática turística que dinamizam a economia destas áreas, agora capturadas, através de múltiplas atividades.

Parque Municipal de Nova Iguaçu, Serra de Madureira e nos diversos sítios e chácaras presentes ao longo da Avenida Abílio Augusto Távora e entorno da Reserva Biológica de Tinguá, onde algumas propriedades já oferecem múltiplas atividades⁸ - cavalgadas, caminhadas, trilhas, rapel, pesque-pague e, mais recentemente, *paintball*, dentre outras. Destacamos ainda a possibilidade do turismo de aventura na Serra do Vulcão, através da prática de atividades esportivas como *mountain bike*, caminhadas, trilhas e voo livre.

A DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DO TURISMO HISTÓRICO NO MUNICÍPIO DE NOVA IGUAÇU: O ENTORNO DE VILA DE CAVA E ÁREA CENTRAL DE NOVA IGUAÇU.

O turismo histórico é outra modalidade que merece destaque e pode ser desenvolvido, com êxito, diante dos inúmeros atrativos⁹ presentes no município. Dentre estes, ressaltamos: I- Nas proximidades de Vila de Cava – as ruínas da Igreja de Nossa Senhora da Piedade de Iguassú (1699); Porto de Iguassú; Estrada do Comércio; a Estação Ferroviária de Tinguá (1917), a Fazenda São Bernardino (1873) (Figura 1) e II- Área Central da cidade e o seu entorno – o quilombo da Pedra da Contenda no bairro do Kaonze, os diversos *Parking Houses*, bangalôs, o antigo prédio da Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu, dentre outros. Boa parte desse patrimônio apresenta um elevado grau de destruição e abandono, resultado da ausência de políticas públicas e privadas de investimento neste setor. Há apenas algumas iniciativas de grupos isolados como a criação de cartões-postais, realizadas pelo Movimento de Criação Olhar da Maioria (MOCOM), tendo como objetivo divulgar as belezas locais.

As atividades relacionadas ao turismo expressam-se em inúmeras modalidades ganhando destaque nas áreas urbanas centrais, posto que as cidades configuram-se como áreas emissoras e receptoras de turistas, devido à gama de serviços e

⁸ No município de Nova Iguaçu, a Fazenda Tucano apresenta aos fins de semana *shows* de artistas locais e nacionais – Asa de Águia, Raça Negra, Alcione, Calcinha Preta, dentre outros, atraindo os segmentos de baixa renda de diversos bairros iguaçuanos e de cidades vizinhas, que usufruem de diversos equipamentos de lazer – restaurante a preços populares, campos de futebol, piscinas, churrasqueiras, brinquedos infantis, dentre outros,.

⁹ Salientamos que devido ao descaso da população e do poder público estes atrativos se encontram em acelerado processo de destruição.

infraestrutura (acesso, hospedagem, recreativa) que oferecem, promovendo, desta forma, a atividade turística através de diferentes estratégias - organização de megaeventos, guerra fiscal, *City Marketing*, os grandes empreendimentos, dentre outras (PAES-LUCHIARI, 2005), sendo estas alvos de disputas entre as grandes cidades mundiais, atraindo, deste modo, maiores fluxos de turistas. Ao analisar os atrativos turísticos presentes nos grandes centros urbanos, Cruz (2003, p. 53) afirma que: “monumentos, igrejas, edifícios institucionais, comerciais ou residenciais, remanescentes arquitetônicos de momentos passados, que contam, por si só, parte da história dos lugares” e fomentam nos moradores locais e nos turistas o desejo de preservar o patrimônio histórico e arquitetônico, contribuindo “com a noção de que expressam a história e a tradição local e regional (...) aguça o sentimento de pertencimento” (REIS, mimeo).



Figura 1 – Ruínas da Fazenda São Bernardino. Construção imponente do período da Vila de Iguassú, este relevante patrimônio histórico do município encontra-se abandonado e sendo alvo de destruição (Autor: Everaldo Lisboa, Julho de 2008).

Algumas iniciativas de revitalização do centro histórico refletem o processo em relevo, propiciando novos usos dos velhos territórios e uma nova expressão da segregação sócio-espacial “com a refuncionalização de patrimônios edificados, sobretudo nos Centros Históricos de cidades atrativas turisticamente” (PAES-LUCHIARI,

2005). Deste modo, destacamos a relevância e o enorme potencial da Área Central - fração do espaço urbano concentradora das atividades de comércio e serviços, caracterizada pelo burburinho e alaridos, movimentação intensa durante o dia e o silêncio à noite (IBGE, 1967). Estas iniciativas incluem também a criação de símbolos por parte das elites dominantes visando perpetuar um passado glorioso, onde os monumentos adquirem um valor simbólico estabelecendo laços afetivos entre o lugar e a população local.

Assim, a Área Central do município de Nova Iguaçu apresenta um grande número de atrativos que nos remetem, principalmente, ao período da citricultura, permitindo, desse modo, uma leitura do espaço e o desenvolvimento da atividade turística, fomentando a preservação do patrimônio histórico, melhoria da infraestrutura e promovendo a geração de renda e emprego para a cidade. No entanto, os atrativos em tela passam despercebidos por considerável parcela da população iguaçuana, que desconhece os símbolos, os monumentos e as edificações que contam parte da história da cidade, onde as “estátuas, templos, memoriais e outras formas simbólicas grandiosas são representações materiais de eventos passados, que compõem a paisagem de certos espaços públicos da cidade” (CORRÊA, 2005). Como exemplo deste quadro, mencionamos o Lar de Joaquina (Figura 2), patrimônio histórico da cidade, localizado no trecho inicial da Avenida Abílio Augusto Távora (antiga Estrada de Madureira) desvalorizado e ignorado pela população local (SANTOS, 2008).

A emergência da Área Central de Nova Iguaçu está diretamente relacionada às transformações políticas e econômicas que ocorreram na Baixada Fluminense no final do século XIX, dentre as quais salientamos – a transferência da sede municipal da antiga Vila de Iguassú para Maxambomba, em 1891, a passagem da E. F. C. do Brasil (1858) e o abandono das vias fluviais e das vilas-entrepósitos deixando à retaguarda as atividades agrícolas da cana-de-açúcar e do café (PEREIRA, 1977). Estas transformações promoveram uma reorganização espacial no município iguaçuano, atraindo para o entorno da estação ferroviária um aglomerado populacional e atividades comerciais e recreativas – cinemas, sede de jornal, mercado, armazéns de secos e molhados (SOARES, 1962).

O processo em tela se acelera com o desenvolvimento da citricultura, dinamizando e aquecendo a economia iguaçuana com a implantação de uma infraestrutura, até então inexistente no município. O enriquecimento propiciado pela exportação da laranja fez emergir uma nova elite social – os laranjeiros, que ocupavam luxuosos bangalôs¹⁰ e chácaras no entorno do Centro da cidade, onde também estava localizado um grande número de barracões de beneficiamento das laranjas, favorecendo o escoamento da produção. Ainda, nesta fração do espaço urbano, mencionamos a construção, nos anos de 1960 e a reforma no início dos anos de 1990, do Cruzeiro da cidade, tendo como proposta inicial, também, um restaurante com vista panorâmica da cidade. No entanto, o projeto original foi abandonado pelos governantes locais e, atualmente, é um símbolo¹¹ ignorado pelos transeuntes.



Figura 2 – Lar de Joaquina – Reminiscência do período da citricultura. Símbolo do período da citricultura – os bangalôs – presentes na Área Central da cidade podem ser elementos atrativos para o turismo histórico (Autor: Everaldo Lisboa, Julho de 2008).

¹⁰ Destacamos que estes bangalôs, *parking houses* e monumentos encontram-se em estado de abandono, sendo destruídos e demolidos dando lugar a estacionamentos e casas de shows, igrejas evangélicas, padarias, galerias de lojas (aspecto destacado anteriormente), devendo ser recuperados, propiciando, desta forma, a atividade turística em Nova Iguaçu.

¹¹ Outro patrimônio desconhecido por parte da população local diz respeito à pista de *skate* construída em meados dos anos de 1970, sendo considerada a primeira pista da América Latina, aspecto destacado em publicações e programas esportivos recentes.

Os espaços cêntricos, deste modo, são apropriados pela prática turística com a refuncionalização de construções, configurando-se como um lugar de consumo e a ser consumido. As intervenções urbanas promovem o redesenvolvimento destes espaços, anteriormente abandonados à deterioração, pelos extratos de alta renda e, atualmente, foco de acirradas disputas pelo comércio e serviços qualificados.

No cenário interno, a Área Central de Nova Iguaçu vem sofrendo um processo de reorganização das atividades comerciais com o comércio destinado aos extratos de alta renda no trecho inicial da Avenida Abílio Augusto Távora, próximo da encosta da Serra de Madureira. Do outro lado da estação ferroviária, observamos a consolidação do comércio popular destinado aos segmentos de baixa renda.

A Prefeitura Municipal, nos últimos anos, vem dotando essa área de infraestrutura com um novo mobiliário urbano, reduzindo a imagem de abandono e caos, objetivando atrair um maior número de consumidores e, assim, alterar a percepção das pessoas sobre essa fração do espaço urbano. Salientamos, no entanto, que não é desenvolvido nenhum projeto, público ou privado, que possa fomentar a prática do turismo nesta fração do espaço urbano rica em atrativos que compõem a história local – bangalôs, *Parking Houses*, Passo dos Laranjais, edifícios históricos, dentre outros, relevantes para a história local.

A ausência de políticas públicas e privadas voltadas para a preservação do patrimônio histórico, cultural e ambiental, e a carência de infraestrutura – hospedagem e rodovias - ocasiona um distanciamento da população local com a história da cidade e configura-se como um obstáculo para o desenvolvimento da atividade turística na Baixada Fluminense e, particularmente, no município de Nova Iguaçu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas duas últimas décadas, a Baixada Fluminense vem passando por transformações no plano econômico com a chegada de novos investimentos públicos e privados que alteram a paisagem local e promovem rupturas de ordem socioeconômica. O processo em tela resulta da descentralização das atividades econômicas anteriormente polarizadas no núcleo da metrópole.

Neste novo cenário social e econômico que se redefine na área metropolitana, emergem novas possibilidades para o desenvolvimento local. Dentre as quais mencionamos o turismo com um grande potencial ainda a ser descoberto pelos diversos agentes que atuam nesta atividade econômica em distintas frações do estado - Vale do Café, Serra da Mantiqueira, áreas de praia e espaços rurais, dentre outras (MARAFON *et al.*, 2010).

Diante do exposto, salientamos que os municípios que compõem a Baixada Fluminense apresentam um bom potencial para o desenvolvimento para o turismo em suas múltiplas modalidades na diversidade das paisagens históricas, naturais, religiosas e culturais presentes na Região.

A atividade turística, no entanto, não apresenta expressividade, diante da ausência de políticas públicas e privadas voltadas para este segmento econômico na promoção de eventos, envolvendo a população e, conseqüentemente, gerando renda, empregos (diretos e indiretos) e novas perspectivas para o desenvolvimento para a população local através da qualificação da mão de obra. Este aspecto pode ser observado através da carência de infraestrutura, principalmente, nas péssimas condições das rodovias e estradas, no setor de hotelaria e pousadas¹², setor essencial para a expansão do turismo.

Outro aspecto de grande relevância diz respeito aos elevados índices de violência, os aspectos de pobreza e miséria presentes nas ruas e bairros dos municípios da Baixada Fluminense, que enfeiam a paisagem local e afugentam os turistas diante do quadro de sujeira, esgoto a céu aberto, lixões, rios transformados em verdadeiras valas negras, expostos ao olhar do turista, carência de saneamento básico, dentre outros. Por último, destacamos que o turismo não será o elemento capaz de alterar o quadro de mazelas sociais e econômicas, mas, sim, apenas parte de um novo panorama que pode gerar um quadro positivo integrando poder público e privado e a comunidade.

¹² Este aspecto vem sendo alterado gradativamente diante da construção de *apart-hotéis* – *Mont Blanc*, *Mercur*e e dois novos empreendimentos destinados ao setor de hotelaria na Área Central da cidade, bem como de pousadas e chalés presentes no entorno da Reserva Biológica de Tinguá.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, C. *Do ódio ao novo dia*. In: Impunidade na Baixada Fluminense. Relatório 2005. Brasília: Câmara dos Deputados. Coordenação Publicações, 2006.

BARRETO, M. As ciências sociais aplicadas ao turismo. In: SERRANO, C., BRUHNS, H. T., LUCHIARI, M. T. D. P. (Orgs.). *Olhares contemporâneos sobre o turismo*. Campinas: Papirus, 2000, pp. 17-36.

BENACH, N.; TELLO, R. *Espacios de renovación urbana, zonas de contacto intercultural y creación de nuevas identidades: una aproximación metodológica al caso de Barcelona*. Comunicação apresentada na conferência Historical Dimensions of the relationship between space and culture (Commission on the Cultural Approach in Geography – International Geographical Union) Rio de Janeiro, 10-12 jun. 2003.

CESeC. *Mídia e violência – como os jornais retratam a violência e a segurança pública na Baixada Fluminense* (Coord. RAMOS, S. e PAIVA, A.). In: Impunidade na Baixada Fluminense. Relatório 2005. Brasília: Câmara dos Deputados. Coordenação Publicações, 2006.

CÔRREA, Roberto Lobato. Monumentos, Política e Espaço. *Scripta Nova*. Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, vol. IX, Núm 183, 2005.

CRUZ, Rita de C. A. da. *Introdução à geografia do turismo*. 2ª ed. – São Paulo: Roca, 2003.

COSTA, O. J. L. *A festa do Senhor do Bonfim em Icó – CE: uma proposta de turismo religioso*. In: Da cidade ao campo: a diversidade do saber-fazer turístico. Fortaleza. UECE, 1998.

GEIGER, Pedro P. Turismo e espacialidade. In: RODRIGUES, Adyr Balestreri (org.). *Turismo e Geografia: Reflexões teóricas e enfoques regionais*. São Paulo: Hucitec, 1996, pp. 55-62.

LABATE, Beatriz C.. A experiência do "viajante turista" na contemporaneidade. In: SERRANO, C., BRUHNS, H. T., LUCHIARI, M. T. D. P. (Orgs.). *Olhares contemporâneos sobre o turismo*. Campinas: Papirus, 2000, pp. 17-36.

MARAFON, G. J. *Caderno de Turismo: apoio à orientação da atividade turística no Estado do Rio de Janeiro*. In: MARAFON *et al.* Revisitando o território fluminense III. Rio de Janeiro: Gramma, 2010.

MASCARENHAS, G. Cenários Contemporâneos da Urbanização Turística. *Caderno Virtual de Turismo*. V. 4, nº 4, 2004.

Ministério do Turismo. *Plano Nacional de Turismo – PNT 2007/2010*. Brasília, 2009.

OLIVEIRA, F. J. G. de. *Reestruturação produtiva, território e poder no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PAES-LUCHIARI, M. T. de. Centro Histórico: mercantilização e territorialidades do Patrimônio Cultural Urbano. In: *Geographia*, ano 7, nº 14. Niterói/RJ, UFF, 2005.

PAGANI, Maria Inez *et al.* As trilhas interpretativas da natureza e do ecoturismo. In: LEMOS, Amália I. G.. (org.). *Turismo: impactos socioambientais*. 2ª ed. – São Paulo: Hucitec, 1999.

PEREIRA, WALDICK. *Cana, café e laranja: história econômica de Nova Iguaçu*. Rio de Janeiro: FGV, 1977.

PREFEITURA DA CIDADE DE NOVA IGUAÇU. *Plano Estratégico da Cidade de Nova Iguaçu*. Nova Iguaçu: PCNI, 2000.

REIS, F. J. G. dos. *Patrimônio Cultural: revitalização e utilização* (Mimeo).

RODRIGUES, Arlete M. A produção e o consumo do espaço para o turismo e a problemática ambiental. In: YÁZIGI, Eduardo, CARLOS, A. F. A., CRUZ, Rita de C. A. da. (orgs.). *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. 2ª ed. – São Paulo: Hucitec, 1999, pp. 55-62.

SANCHO, Amparo. *Introdução ao turismo*. São Paulo: ROCA, 2001.

SANSOLO, Davis G.; CRUZ, Rita de Cássia A. da. *Plano Nacional do Turismo: uma análise crítica*. Caderno virtual de turismo. Vol. 3, nº 4, 2003. Disponível em: <<http://WWW.ivt.coppe.ufrj.br>> acesso em: 08 de outubro de 2010.

SANTOS, Everaldo Lisboa dos. *Reorganização Espacial na Área Central de Nova Iguaçu: O Centro Velho e o Centro Novo*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2008.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo. Razão e emoção*. 4ª ed. 2. reimpr. – São Paulo: Hucitec, 2006.

SIMÕES, M. R. Da Grande Iguaçu a Baixada Fluminense: emancipação política e reestruturação espacial. In: OLIVEIRA, Rafael da Silva. *Baixada Fluminense: novos estudos e desafios*. Rio de Janeiro: Editora Paradigma, 2004, pp. 48-61.

SOARES, M. T. S. *Nova Iguaçu: absorção de uma célula urbana pelo Grande Rio de Janeiro*. IBGE, Rio de Janeiro, 1962.

SOUZA, S. M. de. *Da Laranja ao Lote: transformações sociais em Nova Iguaçu*.

Dissertação de Mestrado, PPGAS/UFRJ, Rio de Janeiro, 1992.

YÁZIGI, E. Funções culturais da metrópole: metodologia sobre a requalificação urbana do Centro de São Paulo. In: CARLOS, A. F. A., CARRERAS, Carles (Orgs.) *Urbanização e mundialização: estudos sobre a metrópole*. – São Paulo: Contexto, 2005.